

O NOVIÇO

AUTOR: Martins Penna

Número de personagens: *6 homens e 3 mulheres*

Personagens:

Ambrósio: segundo marido de Florência

Florência: viúva e rica

Juca: filho de Florência

Emília: filha de Florência

Carlos: primo e amor de Emília

Rosa: primeira mulher de Ambrósio

Mestre de noviços

José: criado de Florência

Jorge: vizinho de Florência

Número de páginas: 38

Número de exemplares: 1

Atos: 3

Tema: Homem estelionatário casa com duas mulheres, com o intuito de as estorquir e começa a armar situações para que as filhas das duas não tenham parte na herança.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O Navio
Martins Pena

Sala ricamente adornada: mesa, consolos, mangas de vidro, jarras com flores, cortinas, etc., etc. No fundo, porta de saída, uma janela, etc., etc.



CENA I

Ambrósio, só, de calça preta e chambre. - No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo o homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer? Em mim se vê o exemplo. Há oito anos, era eu / pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado esta o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres...

II

Entra Florência vestida de preto, como quem vai a festa.

Florência, entrando - Ainda despido, Sr. Ambrósio?

Ambrósio - É cedo. (Vendo o relógio:) São nove horas, e o ofício de Ramos principia às dez e meia.

Florência - É preciso ir mais cedo para tomarmos lugar.

Ambrósio - Para tudo há tempo. Ora dize-me, minha bela Florência...

Florência - O que, meu Ambrosinho?

Ambrósio - O que pensa tua filha do nosso projeto?

Florência - O que pensa não sei eu, nem disse se me dá; quero / eu - e basta. E é seu dever obedecer.

Ambrósio - Assim é; estimo que tenhas caráter enérgico.

Florência - Energia eu tenho.

Ambrósio - E atrativos, feiticeira...

Florência - Ai, amorzinho! (À parte:) Que marido!

Ambrósio - Escuta-me Florência, e dá-me atenção. Crê que ponho todo o meu pensamento em fazer-te feliz...

Florência - Toda eu sou atenção.

Ambrósio - Dois filhos te ficaram do teu primeiro matrimônio. Teu marido foi um digno homem e de muito juízo; deixou-te herdeira de avultada fortuna. Grande mérito / é esse...

Florência - Pobre homem.

Ambrósio - Quando eu te vi pela primeira vez, não sabia que eras /
viúva rica. (À parte:) Se o sabia! (Alto:) Amei-te por
simpatia.

Florência - Sei disso, vidinha.

Ambrósio - E não foi o interesse que obrigou-me a casar contigo.

Florência - Foi o amor que nos uniu.

Ambrósio - Foi, foi, mas agora que me acho casado contigo, de meu
dever zelar essa fortuna que sempre desprezei.

Florência, à parte - Que marido!

Ambrósio, à parte - Que tola! (Alto:) Até o presente tens gozado /
dessa fortuna em plena liberdade e a teu bel-
-prazer; mas daqui por diante, talvez assim /
seja.

Florência - E por quê?

Ambrósio - Tua filha está moça e em estado de casar-se. Casar-se-á,
e terás um genro que exigirá a herança de sua mulher, e
desse dia principiarão as amofinações para ti, e inter-
mináveis demandas. Bem sabes que ainda não fizestes in-
ventário.

Florência - Não tenho tido tempo, e custa-me tanto aturar procura-
dores!

Ambrósio - Teu filho também vai a crescer todos os dias e será pre-
ciso por fim dar-lhe a sua parte... Novas demandas.

Florência - Não, não quero demandas.

Ambrósio - É o que eu também digo; mas como preveni-las?

Florência - Faze o que entenderes, meu amorzinho.

Ambrósio - Eu já disse há mais de três meses o que era preciso fa-
zermos para atalhar esse mal. Amas a tua filha, o que é
muito natural, mas amas ainda mais a ti mesma...

Florência - O que é muito natural...

Ambrósio - Que dúvida! E eu julgo que podes conciliar esses dois /
pontos, fazendo Emília professar em um convento. Sim,
que seja freira. Não terás nesse caso de dar herança al-
guma, apenas um insignificante dote - e farás ação meri-
tória.

Florência - Coitadinha! Sempre tenho pena dela; o convento é tão /
triste.

Ambrósio - É essa paixão mal-entendida! O que é este mundo? Um
pélago de enganos e traições, um escolho em que naufraga-
gam a felicidade e as doces ilusões da vida. E o que é
o convento? Porto de salvação e ventura, asilo da virtu-
de, único abrigo da inocência e verdadeira felicidade...
E deve uma mãe carinhosa hesitar na escolha entre o mun-
do e o convento?



Florência - Não, por certo...

Ambrósio - A mocidade é inexperiente, não sabe o que lhe convém. / Tua filha lamentar-se-á, chorará desesperada, não importa; obriga-a daí tempo ao tempo. Depois que estiver no convento e acalmar-se esse primeiro fogo, apoeçará o teu nome s, junto ao altar, no êxtase de sua tranquilidade e verdadeira felicidade, rogará a Deus por ti. (À parte:) E o dinheiro ficará em casa...

Florência - Tens razão, meu Ambrosinho, ela será freira.

Ambrósio - A respeito de teu filho direi o mesmo. Tem ele nove anos e será prudente criarmos-lo desde já para frade.

Florência - Já ontem comprei-lhe o hábito com que andará vestido daqui em diante.

Ambrósio - Assim não estranhará quando chegar à idade de entrar no convento; será frade feliz. (À parte:) E o dinheiro também ficará em casa...

Florência - Que sacrifícios não farei eu para ventura de meus filhos!

III

Entra Juca, vestido de frade, com chapéu desabado, tocando um assobio.

Florência - Anda cá, filhinho. Como estais galante com esse hábito!

Ambrósio - Juquinha, gostas desta roupa?

Juca - Não, não me deixa correr, é preciso levantar assim... (Arregaça o hábito.)

Ambrósio - Logo te acostumarás.

Florência - Filhinho, há-de ser um fradinho muito bonito.

Juca, chorando - Não quero ser frade!

Florência - Então, o que é isso?

Juca - Hi, hi, hi... Não quero ser frade!

Florência - Menino!

Ambrósio - Pois não te darei o carrinho que te prometi, todo bordado de prata, com cavalos de ouro.

Juca, rindo-se - Onde está o carrinho?

Ambrósio - Já o encomendei; é coisa muito bonita: os arreios todos enfeitados de fitas e veludo.

Juca - Os cavalos são de ouro?

Ambrósio - Pois não, de ouro com os olhos de brilhantes.

Juca - E andam sòzinhos?

Ambrósio - Se andam. De marcha e passo.

Juca - E quando vem?

Ambrósio - Assim que estiver pronto.

Juca, saltando e cantando - Eu quero ser frade, eu quero ser frade...

(Etc.)

Ambrósio, para Florência - Assim o iremos acostumando...
Florência - Coitadinho, é preciso comprar-lhe o carrinho!
Ambrósio - Basta que se compre uma caixinha com soldadinhos de chumbo.
Juca, saltando pela sala - Eu quero ser frade!
Florência - Está bom, Juquinha, serás frade; mas não gastes tapetes.
Vai lá para dentro.



Juca sai cantando - Eu quero ser frade... (Etc.)

Florência - Estas crianças...

Ambrósio - Este levaremos com facilidade... De pequenino se torce/
o pepino... Cuidado me dá o teu sobrinho Carlos.

Florência - Já vai para seis meses que ele entrou como noviço no
convento.

Ambrósio - É queira Deus que decorra o ano inteiro para profecisar,
que só assim ficaremos tranquilos.

Florência - E se fugir do convento?

Ambrósio - Lá isso não temo eu... Está bem recomendado. É preciso/
empregarmos toda nossa autoridade para obrigá-lo a pro-
fessar. O motivo, bem o sabes...

Florência - Mas olha que Carlos é de pele, é endiabrado.

Ambrósio - Outros tenho eu domado... Vão sendo horas de sairmos,
vou-me vestir. (Sai pela esquerda.)

TV

Entra Emília, vestida de preto, como querendo atravessar
sua sala.

Florência - Emília, vem cá.

Emília - Senhora?

Florência - Chega aqui. O menina, não deixarás este ar triste e la-
grimoso em que andas?

Emília - Minha mãe, eu não estou triste. (Mipa os olhos com o len-
ço.)

Florência - Af tom! Não digo? A chorar. De que chora?

Emília - De nada, não senhora.

Florência - Ora, isto é insuportável! Mata-se e amofina-se uma mãe
extremosa para fazer a felicidade de sua filha, e como
agradece esta? Arrepelando-se e chorando. Ora, sejas /
lá mãe e tenha filhos desobedientes...

Emília - Não sou desobediente. Far-lhe-ei a vontade; mas não posso
deixar de chorar e sentir. (Aqui aparece à porta por onde
saiu, Ambrósio, em mangas de camisa, para observar.)

Florência - É por que tanto chora a menina, por quê?

Emília - Minha mãe...

Florência - O que tem de mau a vida de freira?

Emília - Será muito bom, mas é que não tenho inclinação nenhuma para ela.

Florência - Inclinação, inclinação! O que quer dizer inclinação sem dúvida, por algum francalho frequenta as salas e passeios, jogador de écarté e dançador de polcas? Essas inclinações é que perdem a muitas meninas. Esta da Decinha ainda está muito leve; eu é que sei o que te convém: serás freira.

Emília - Serás freira, minha mãe, serei! Assim como estou certa que hei-de ser desgraçada.

Florência - Histórias! Sabes tu o que é mundo? O mundo é... é... (À parte:) Já não me recordo o que me disse o Sr. Ambrósio que era o mundo. (Alto:) O mundo é... um... é... (À parte:) E esta? (Vendo Ambrósio junto da porta) Ah, Ambrósio, diz-me aqui a esta estontada o que é o mundo.

Ambrósio, adiantando-se - O mundo é um pélagos de enganos e traições, um escolho em que naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida... E o convento é porto de salvação e ventura, único abrigo da inocência e verdadeira felicidade... Onde está minha casaca?

Florência - Lá em cima no sótão. (Ambrósio sai pela direita. Florência, para Emília:) Ouviste o que é o mundo, e o convento? Não sejas pateta, vem acabar de vestir-te, que são mais que horas. (Sai pela direita.)

Emília e depois Carlos.

Emília - É minha mãe, devo-lhe obediência, mas este homem, meu padrasto, como o detesto! Estou certa que foi ele quem persuadiu a minha mãe que me metesse no convento. E Carlos, que tanto amo? Pobre Carlos, também te perseguem! E por que nos perseguem assim? Não sei. Como tudo mudou nesta casa, depois que minha mãe casou-se com este homem! Então não pensou ela na felicidade de seus filhos. Ai, ai

Carlos, com hábito de noviço, entra assustado e fecha a porta.

Emília, assustando-se - Ah, quem é? Carlos!

Carlos - Cala-te!

Emília - Meu Deus, o que tens, por que estás tão assustado? O que foi?

Carlos - Aonde está minha tia, e o teu padrasto?

Emília - Lá em cima. Mas o que tens?

Carlos - Fugi do convento, e aí vêm eles atrás de mim.

Emília - Fugiste? E por que motivo?

Carlos - Por que motivo? Pois faltam motivos para fugir do convento? O último foi o jejum em que vivo há sete meses. Não tenho esta barriga, vai a sumir-se. Desde sexta-feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.

Emília - Coitado!

Carlos - Hoje, já não pedendo, questionei com o D. Abade. Palavras/puxam palavras; disse tu, disse eu, e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada, que o atirei por esses ares.

Emília - O que fizestes, louco?

Carlos - E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada? Para que queira violentar minhas inclinações? Não nasci para frade, não tenho jeito para estar horas inteiras no coro a rezar com os braços anoruzados. Não posso jejuar; tenho, pelo menos três vezes ao dia uma fome de todos os diabos. Militar era o que eu quisera ser; para aí me chama a inclinação. Bordoadas, espadeiradas, rugas é que me regalam; e se é o meu gênio. Costo de teatro, e de lá ninguém vai ao teatro, à exceção de Frei Maurício, que frequenta a platéia de casaca e cabeleira, para esconder a coroa.

Emília - Pobre Carlos, como terás passado estes seis meses de noviçado! E os nossos parentes quando obrigam a seguir uma carreira para qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo acostumar-nos-á.

Carlos - O tempo acostumar! Eis aí porque vemos entre nós tantos ab surdos e disparates. Este tem jeito para sapateiro; pois vá estudar medicina... Excelente médico! Aquele tem inclinação para cômico: pois não senhor, será político... Ora, ainda isso vá. Estoutro só tem jeito para caiaador: nada, é ofício que não presta... Seja diplomata, que borra tudo quando faz. Aqueloutro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz; seja tesoureiro de repartição, fiscal, e lá se vão os cofres da nação... Essoutro tem uma grande carga de preguiça e indolência e só serviria para leigo de convento, no entanto vemos o bom do mandrião empregado público, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança.

Emília - Tens muita razão; assim é.

Carlos - Este nasceu para poeta ou escritor, com uma imaginação fogaosa e independente, capaz de grandes cousas, mas não pode seguir a sua inclinação, porque poetas e escritoras morrem de miséria, no Brasil... E assim /o/ obriga a necessidade a ser mais somenos funcionário em uma repartição pública e a copiar cinco horas por dia os mais soníferos papéis. O que acontece? Em breve matam-lhe a inteligência e fazem do homem pensante máquina estúpida, e assim se



- gasta uma vida! É preciso, é já tempo que alguém olhe
isso, e alguém que possa.
- Emília - Quem pode nem sempre sabe o que se passa entre nós, não
poder remediar; é preciso falar.
- Carlos - O respeito e a modéstia prendem muitas línguas, mas
vem um dia que a voz da razão se faz ouvir, e tanto mais
forte quanto mais comprimida.
- Emília - Mas Carlos, hoje te estou desconhecendo...
- Carlos - A contradição em que vivo tem-me exasperado! E como que-
res tu que eu não fale quando vejo, aqui, um péssimo ci-
rurgião que poderia ser bom pedreiro; ali, um ignorante/
general que poderia ser excelente enfermeiro; tudo está
fora de seus eixos...
- Emília - Mas que queres tu que se faça?
- Carlos - Que não se constanja ninguém, que se estudem os homens/
e que haja uma bem entendida e esclarecida proteção e
que, sobretudo, se despreze o patronato, que assenta o
jumento nas bancas das academias e amarra o homem de ta-
lento à mangedoura. Eu, que quisera viver com uma espada
à cinta e à frente do meu batalhão, conduzi-lo ao inimi-
go através da metralha, bradando: "Marcha... (Manobrando
pela sala, entusiasmado:) Camaradas, coragem, calar baí-
netas! Marche, marche! Firmeza, avança! O inimigo fraque-
ia... (seguido emília, que recua, espantada:) Avança! "
- Emília - Primo, primo, que é isso? Fique quieto!
- Carlos, entusiasmado - "Avança, bravos companheiros, viva a Pá- /
tria! Viva! - e voltar vitorioso, coberto
de sangue e poeira... Em vez desta vida de
agitação e glória, hei-de ser frade, reve-
stir-me de paciência e humildade, encomen-
dar defuntos... (Cantando:) Requiescat in
pace... a porta inferi! amen... O que se-
guirá disto? O ser eu péssimo frade, des-
crédito do convento e vergonha do hábito /
que visto. Falta-me a paciência.
- Emília - Paciência, Carlos, preciso eu também ter, e muita. Minha
mãe declarou-me positivamente que eu hei-de ser freira.
- Carlos - Tu, freira? Também te perseguem?
- Emília - E meu padrasto ameaça-me.
- Carlos - Emília, aos cinco anos estava eu órfão, e tua mãe, minha
tia, foi nomeada por meu pai sua testamenteira e minha /
tutora. Contigo cresci nesta casa, e à amizade de crian-
ça seguiu-se inclinação mais forte... Eu te amei, Emí-
lia, e tu também me amaste.
- Emília - Carlos!
- Carlos - Vivíamos felizes, esperando que um dia nos uniríamos. Nes-
ses planos estávamos, quando apareceu este homem, não.....

..... sei donde, e que soube a tal ponto iludir tua mãe, que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava, de seus interesses e contrair segundas núpcias.

Emília - Desde então nossa vida tem sido tormentosa..

Carlos - Obrigaram-me a ser noviço, e não contentes com isso, querem-te fazer freira. Emília, há muito tempo que eu observo este teu padrasto. E sabes qual tem sido o resultado de minhas observações?

Emília - Não.

Carlos - Que ele é um rematadíssimo velhaco.

Emília - Oh, estás certo disso?

Carlos - Certíssimo! Esta resolução que tomaram, de fazerm-te/ freira, confirma a minha opinião.

Emília - Explica-te.

Carlos - Teu padrasto persuadia a minha tia que me obrigasse a ser frade para assim roubar-me, impunemente, a herança que meu pai deixou-me.

Emília - É possível?

Carlos - Ainda mais; querem que tu sejas freira para não te darem dote, se te casares.

Emília - Carlos, quem te disse isso? Minha mãe não é capaz!

Carlos - Tua mãe vive iludida. Oh, que não possa eu desmascarar este tratante!...

Emília - Fala baixo!

VIII

Entra Juca.

Juca - Mana, mamãe pergunta por você.

Carlos - De hábito? Também ele? Ah!...

Juca, correndo para Carlos - Primo Carlos!

Carlos, tomando-o no colo - Juquinha! Então, prima, tenho ou não razão? Há ou não plano?

Juca - Primo, você também é frade? Já lhe deram também um carrinho de prata com cavalos de ouro?

Carlos - O que dizes?

Juca - Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade. (Cantando:) Eu quero ser frade... (Etc., etc.)

Carlos, para Emília - Ainda duvidas? Vê como enganam esta inocente criança!

Juca - Não enganam não, primo; os cavalos andam sózinhos.

Carlos, para Emília - Então?

Emília - Meu Deus!

Carlos - Deixa o caso por minha conta. Hei-de fazer uma estralada de todos os diabos, verão...

Emília - Prudência!

Carlos - Deixa-os comigo. Adeus, Juquinha, vai para tua irmã. (Bota-o no chão.)

Juca - Vamos, mana. (Sai cantando:) Eu quero ser irmão... (Sai-lia o segue.)



(CPNK IX)
CARLOS

Rosa e Carlos.

X

(Batem à porta.)

Rosa - Dá licença?

Carlos - Entre.

Rosa, entrando - Uma serva de Vossa Reverendíssima.

Carlos - Com quem tenho o prazer de falar?

Rosa - Eu, Reverendíssimo Senhor, sou uma pobre mulher. Ai, estou muito cansada...

Carlos - Pois sente-se, senhora. (A parte:) Quem será?

Rosa, sentando-se - Eu chamo-me Rosa. Há uma hora que cheguei do Ceará no vapor Paquêto do Norte.

Carlos - Deixou aquilo por lá tranquilo?

Rosa - Muito tranquilo, Reverendíssimo. Houve apenas no mês passado vinte e cinco mortes.

Carlos - S. Brás! Vinte e cinco mortes! E chama a isso tranquilidade?

Rosa - Se Vossa Reverendíssima soubesse o que por lá vai, não / se admiraria. Mas, meu senhor, isto são cousas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, que ninguém / se importa com isso. Vossa Reverendíssima é cá da casa?

Carlos - Sim senhora.

Rosa - Então é parente de meu homem?

Carlos - De seu homem?

Rosa - Sim senhor.

Carlos - E quem é seu homem?

Rosa - O Sr. Ambrósio Nunes!

Carlos - O Sr. Ambrósio Nunes!...

Rosa - Somos casados há oito anos.

Carlos - A senhora é casada com o Sr. Ambrósio Nunes, e isto há oito anos?

Rosa - Sim senhor.

Carlos - Sabe o que está dizendo?

Rosa - Esta é boa!

Carlos - Está em seu perfeito juízo?

Rosa - O Reverendíssimo ofende-me...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones 226.0242 - CEP 90020-025

Carlos - Com a fortuna! Conte-me isso, conte-me - como se casou, /
quando, como, em que lugar?

Rosa - O lugar foi na igreja.

Carlos - Está visto.

Rosa - Quando, já disse; há oito anos.

Carlos - Mas onde?

Rosa levanta-se - Eu digo a Vossa Reverendíssima. Sou filha do Ceará. Tinha eu meus quinze anos quando lá apareceu, vindo do Maranhão, o Sr. Ambrósio. Foi morar na vizinhanças... Eu o via todos os dias, ele também via-me; eu gostei, ele gostou e nos casamos.

Carlos - Isso foi anda mão, fia dedo... E tem documentos que provem o que diz?

Rosa - Sim senhor, trago comigo a certidão do vigário que nos casou, assinada pelas testemunhas, e pedi logo duas, por causa das dúvidas. Podia perder uma...

Carlos - Continue.

Rosa - Vivi dois anos com meu marido muito bem. Passado esse tempo, morreu minha mãe. O Sr. Ambrósio tomou conta de nossos bens, vendeu-os e partiu para Montevideu a fim de empregar o dinheiro em um negócio, no qual, segundo dizia, havíamos de ganhar muito. Vai isto para seis anos, mas desde então, Reverendíssimo Senhor, não soube mais notícias dele.

Carlos - Oh!

Rosa - Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta. Muito chorei, porque pensei que ele havia morrido.

Carlos - A história vai interessando-me, continue.

Rosa - Eu já estava desenganada, quando um sujeito que foi aqui do Rio, disse-me que meu marido ainda vivia e que habitava na Corte.

Carlos - E nada mais lhe disse?

Rosa - Vossa Reverendíssima vai espantar-se do que eu disser...

Carlos - Não me espanto, diga.

Rosa - O sujeito acrescentou que meu marido tinha-se casado com outra mulher.

Carlos - Ah, disse-lhe isso?

Rosa - E muito chorei eu, Reverendíssimo; mas depois pensei que era impossível, pois um homem pode lá casar-se tendo a mulher viva? Não é verdade, Reverendíssimo?

Carlos - A bigamia é um grande crime; o Código é muito claro.

Rosa - Mas an dúvida, tirei as certidões do meu casamento, parti para o Rio, e assim que desembarquei, indaguei onde ele morava. Ensinaram-me e venho perguntar-lhe que histórias são essas / de casamentos.



Carlos - Pobre, mulher, Deus se compadeça de ti!

Rosa - Então é verdade?

Carlos - Filha, a resignação é uma grande virtude. Quer ^{fiar-se em} mim, seguir meus conselhos?

Rosa - Sim senhor, mas que tenho eu a fazer? Meu marido ^{está} feito casado?

Carlos - Dê-me só uma das certidões.

Rosa - Mas...

Carlos - Fia-se ou não em mim?

Rosa - Aqui está. (Dá-lhe uma das certidões.)

Ambrósio, dentro - Desçam, desçam, que passam as horas.

Carlos - Ah vem ela.

Rosa - Meu Deus!

Carlos - Tomo-a debaixo da minha proteção. Venha cá; entre neste / quarto.

Rosa - Mas Reverendíssimo...

Carlos - Entre, entre, senão abandono-a. (Rosa entra no quarto à esquerda e Carlos fecha a porta.)

Entra Ambrósio de casaca, seguido de Florência e Eufília, ambas de véu de renda prata sobre a cabeça.

Ambrósio, entrando - Andem, andem! Irra, essas mulheres a vestirem -se fazem perder a paciência!

Florência, entrando - Estamos prontas.

Ambrósio, vendo Carlos - Oh, que fazes aqui?

Carlos principia a passear pela sala de um para outro lado - Não / vê? Estou passando; divirto-me.

Ambrósio - Como é lá isso?

Carlos, do mesmo modo - Não é da sua conta.

Florência - Carlos, que modos são esses?

Carlos - Que modos são? São os meus.

Eufília, à parte - Ele se perde!

Florência - Estás doudo?

Carlos - Doudo estava alguém quando... Não me faça falar...

Florência - Hem?

Ambrósio - Deixe-o comigo. (Para Carlos:) Por que saíste do convento?

Carlos - Porque quis. Então não tenho vontade?

Ambrósio - Isso veremos. Já para o convento!

Carlos, rindo-se com força - Ah, ah, ah!

Ambrósio - Ri-se?

Florência, ao mesmo tempo - Carlos!



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Emília - Primo!

Carlos - Ah, ah, ah!

Ambrósio, enfurecido - Ainda uma vez, obededece-me, ou ...

Carlos - Que cara! Ah, ah! (Ambrósio corre para cima de

Florência, metendo-se no meio - Ambrosinho!

Ambrósio - Deixe-me ensinar a este malcriado...

Carlos - Largue-o, tia, não tenha medo.

Emília - Carlos!

Florência - Sobrinho, o que é isso?

Carlos - Está bom, não se amofinem tanto, voltarei para o convento.

Ambrósio - Ah, já?

Carlos - Já, sim senhor, quero mostrar a minha obediência.

Ambrósio - E que não fosse...

Carlos - Incorreria no seu desagrado? Forte desgraça!

Florência - Principias?

Carlos - Não senhora, quero dar uma prova de submissão ao senhor / meu tio... É, meu tio, é... Casado com minha tia segunda vez... Quero dizer, minha tia é que se casou segunda vez.

Ambrósio, assustando-se, à parte - O que diz ele?

Carlos, que o observa - Não há dúvida...

Florência, para Emília - O que tem hoje este rapaz?

Carlos - Não é assim, senhor meu tio? Venha cá, faça-me o favor, se
nhor meu tio. (Travando-lhe do braço.)

Ambrósio - Tira as mãos.

Carlos - Ora, faça-me o favor, senhor meu tio, quero-lhe mostrar / uma coisa; depois farei o que quiser. (Levando-o para a porta do quarto.)

Florência - O que é isto?

Ambrósio - Deixe-me!

Carlos - Um instante. (Retendo Ambrósio com uma mão, com a outra / empurra a porta e aponta para dentro, dizendo:) Vê!

Ambrósio, afirmando a vista - Oh! (Volta para junto de Florência e de Emília, e as toma convulsivo pelo braço.) Vamos, vamos, são horas!

Florência - O que é?

Ambrósio, forcejando por sair e levá-las consigo - Vamos, vamos!

Florência - Sem chapéu?

Ambrósio - Vamos, vamos! (Sai, levando-as.)

Carlos - Então, senhor meu tio? Já não quer que eu vá para o con-
vento? (Depois que ele sai.) Senhor meu tio, senhor meu /
tio? (Vai à porta, gritando.)



Carlos, só, e depois Rosa.

Carlos, rindo-se - Ah, ah, ah, agora veremos, e me pagará... E minha tia também há-de pagá-lo, para não se casar na sua idade e ser tão assanhada. E o homem que não se contentava com uma!...

Rosa, entrando - Então, Reverendíssimo?

Carlos - Então?

Rosa - Eu vi meu marido um instante e fugiu. Ouvei vozes de mulheres...

Carlos - Ah, ouviu? muito estimo. E sabe de quem eram essas vozes?

Rosa - Eu tremo de adivinhar...

Carlos - Pois adivinhe logo de uma assentada... Eram da mulher de seu marido.

Rosa - É então verdade? Pírfido, traider! Ah, desgraçada! (Vai a cair desmaiada e Carlos a sustém nos braços.)

Carlos - Desmaiada! Sr^a D. Rosa? Esta é mesmo de frade... Senhora, torne a si, deixe desses faniquitos! Olhe que aqui não há quem a socorra. Nada! E esta? O Juquinha? Juquinha? (Juca entra, trazendo em uma mão um assobio de palha e tocando/ em outro.) Deixa isso sobre a mesa e vai lá dentro buscar alguma coisa para esta moça cheirar.

Juca - Mas o que, primo?

Carlos - A primeira coisa que encontrares. (Juca larga os assobios na mesa e sai correndo) Isto está muito bonito! Um frade/ com uma moça desmaiada nos braços. Valha-me Santo Antonio! O que diriam, se assim se vissem? (Gritando-lhe ao ouvido:) Olá! - Nada.

Juca - Não achei mais nada.

Carlos - Está bom, dá cá o vinagre. (Toma o vinagre e o chega ao / nariz de Rosa.) Não serve; está na mesma. Toma... Vejamos se o azeite faz mais efeito. Isto parece-me salada...

Rosa, tornando a si - Onde estou eu?

Carlos - Nos meus braços.

Rosa, afastando-se - Ah, Reverendíssimo!

Carlos - Não se assuste. (Para Juca:) Vai para dentro. (Juca sai)

Rosa - Agora me recorde... Pírfido, ingrato!

Carlos - Não torne a desmaiar, que não posso.

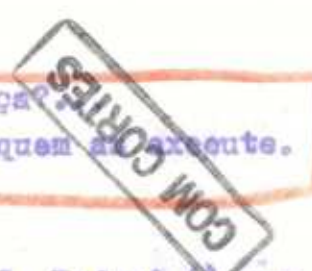
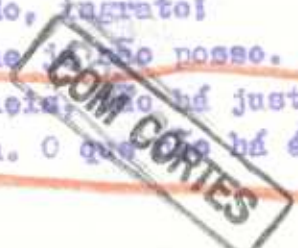
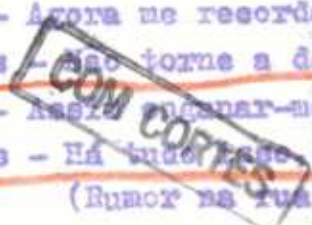
Rosa - Assim enganar-me! Não há lei, não há justiça?

Carlos - Há tudo isso e de sobra. O que não há é quem o execute. (Rumor na rua.)

Rosa, assustando-se - Ah!

Carlos - O que será isso? (Vai à janela.) Ah, com S. Pedro! (A par-
te) O mestre dos navios e um soldado que me procuram...
Não escapo...

Rosa - O que é Reverendíssimo? De que se assusta?



Carlos - Não é nada. (À parte:) Estou arranjado! (Chega à janela.)
Estão indagando na vizinhança... O que farei?

Rosa - Mas o que é? O quê?

Carlos, batendo na testa - Oh! Só assim... (Para Rosa:) O que
é isto?

Rosa - Diga.

Carlos - São soldados que vem prende-la por ordem de seu marido.

Rosa - Jesus! Salve-me, salve-me!

Carlos - Hei-de salvá-la; mas faça o que eu lhe disser.

Rosa - Estou pronta.

Carlos - Os soldados entrarão aqui e não-de levar por força algu-
ma coisa - esse é o seu costume. O que é preciso é enga-
ná-los.

Rosa - E como?

Carlos - Vestindo a senhora o meu hábito, e eu seu vestido.

Rosa - Oh!

Carlos - Levar-me-ão preso; terá a senhora tempo de fugir.

Rosa - Mas...

Carlos - Ta, ta, ta... Ande, deixe-me fazer uma obra de caridade;
para isso somos frades. Entre para este quarto, dispa lá
o seu vestido e mande-me, assim como a toca e xale. O Ju-
ca? Juca? (Empurrando Rosa;) Não se demore. (Entra Juca.)
Juca, acompanha esta senhora e fase o que ela te mandar.
Ande, senhora, com mil diabos! (Rosa entra no quarto à /
esquerda, empurrada por Carlos.)

Carlos, só - Bravo, esta é de mestre! (Chegando à janela:) Lá es-
tão eles conversando com o vizinho do armário. Não
tardarão.

Carlos - Depressa! O que me vale é ser o mestre de noviços um pou-
co cegos. Cairá na esparrela. (Gritando:) Vem ou não?

Juca, tras o vestido, toca e o xale - Está.

Carlos - Bom. (Sai para as coxias) Ora vá, senhor hábito. Bem se
diz que o hábito não faz o monge. (Dá o hábito e o chapéu
a Juca.) Toma, leva à moça. (Juca sai.) Agora é que são/
elas... Isto é mangas? Diabo, por onde se enfia esta ge-
ringonça? Creio que é por aqui... Bravo, acertei. Agora/
a toca. (Põe a toca.) Vamos ao xale... (Batem na porta.)
São eles. (Com voz de mulher:) Quem bate?

Mestre, dentro - Um servo de Deus.

Carlos, com a mesma voz - Pode entrar quem é.

Carlos, Mestre de Noviços e três soldados.

Mestre - Deus esteja nesta casa.

Carlos - Humilde serva de Vossa Reverendíssima...

Mestre - Minha senhora, terá a bondade de perdoar-me pelo incomodo



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

.....

..... que lhe damos, mas nosso dever...

Carlos - Inconodos, Reverendíssimo Senhor?

Mestre - Vossa Senhoria há-de permitir que lhe pergunte se o noviço Carlos, que fugiu do convento...

Carlos - Psiu!

Mestre - Hem?

Carlos - Está ali...

Mestre - Quem?

Carlos - O noviço...

Mestre - Ah!

Carlos - É preciso surpreendê-lo...

Mestre - Este senhor nos ajudará.

Carlos - Muito cuidado. Este meu sobrinho dá-me um trabalho...

Mestre - Ah, a senhora é sua tia?

Carlos - Uma sua criada.

Mestre - Tenho muita satisfação.

Carlos - Não percamos tempo. Fiquem os senhores aqui do lado da / porta, muito calados; eu chamarei o sobrinho. Assim que ele sair, não lhe dêem tempo de fugir; lancem-se de im - proviso sobre ele e levem-no à força.

Mestre - Muito bem.

Carlos - Diga ele o que disser, grite como gritar, não façam ca - so, arrastem-no.

Mestre - Vamos a isso.

Carlos - Fiquem a qui. (Coloca-os junto à porta da esquerda.) Aten - ção. (Chamando para dentro:) Psiu! Psiu! Saia cá para fo - ra, devagarinho! (Prevenção.)

Os mesmos e Rosa vestida de frede e chapéu na cabeça.

Rosa, entrando - Já se foram? (Assim que ela aparece, o Mestre e / os soldados se lançam sobre ela e procuram carregar até fora.)

Mestre - Está preso. Há-de ir. É inútil resistir. Assim não se fo - ge... (Etc., etc.)

Rosa, lutando sempre - Ai, ai, ajudam-me! Deixem-me! Quem me socor - re? (Etc.)

Carlos - Levem-no, levem-no. (Algasarra de vozes; todos falam ao mesmo tempo, etc. Carlos, para aumentar o ruído, toma um assobio que está sobre a mesa e toca. Juca também entra / nessa ocasião, etc. Execução)



ATO SEGUNDO

A mesma sala do primeiro ato.

Entra Ambrósio; mostra no semblante alguma agitação.



Ambrósio - Lá as deixei no Carmo. Entretidas com o officio não dá
rão falta de mim. É preciso, e quanto antes, que eu
fale com esta mulher. É ela, não há dúvida... Mas como
soube que eu aqui estava? Quem lhe disse? Quem a trou-
xe? Foi o diabo, para a minha perdição. Em um momento/
pode tudo mudar; não se perca tempo. (Chega à porta do
quarto.) Senhora, queira ter a bondade de sair cá para
fora.

Entra Carlos, cobrindo o rosto com um lenço. Ambrósio/
encaçinha-se para o meio da sala, sem olhar para ele, e assim lhe
fala.

Ambrósio - Senhora, muito bem conheço as vossas intenções; porém/
previno-vos que muito vos enganásteis.

Carlos, suspirando - Ai, ai!

Ambrósio - Há seis anos que vos deixei; tive para isso motivos po-
derosos...

Carlos, à parte - Que tratante!

Ambrósio - E o meu silêncio depois desse tempo, devia ter-vos fei-
to conhecer que nada mais existe de comum entre nós.

Carlos, fingindo que chora - Hi, hi, hi...

Ambrósio - O pranto não me comove. Jamais podemos viver juntos...
Fomos casados, é verdade, mas que importa?

Carlos, no mesmo - Hi, hi, hi...

Ambrósio - Estou resolvido a viver separado de vós.

Carlos, à parte - E eu também...

Ambrósio - E para esse fim, empreguei todos os meios, todos enten-
deis-me? (Carlos cai de joelhos aos pés de Ambrósio, e
agarra-se às pernas dele, chorando.) Não valem súplici-
as. Hoje mesmo deixareis esta cidade; senão, serei ca-
paz de um grande crime. O sangue não me aterra, e ai /
de quem me resiste! Levantai-vos e parti. (Carlos puxa
as pernas de Ambrósio, dá com ele no chão e levanta-se
rindo-se.) Ai!

Carlos - Ah, ah, ah!..

Ambrósio levanta-se muito devagar, olhando muito admirado para /

Carlos que se ri - Carlos! Carlos!

Carlos - Senhor meu tio! Ah, ah, ah!

Ambrósio - Mas então o que é isto?

Carlos - Ah, ah, ah!

Ambrósio - Como te achas aqui assim vestido?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Carlos - Este vestido, senhor meu tio... Ah, ah!

Ambrósio - Maroto!

Carlos - Tenha-se lá! Olhe que eu chamo por ela.

Ambrósio - Ela quem, brejeiro?

Carlos - Sua primeira mulher.

Ambrósio - Minha primeira mulher? É falso.

Carlos - É falso?

Ambrósio - É

Carlos - E será também falsa esta certidão do vigário da freguesia de... (Olhando para a certidão:) Maranguape, no Ceará, em que se prova que o senhor meu tio recebeu-se... (lendo:) em santo matrimônio, à face da Igreja, com D. Rosa Escolástica, filha de Antonio Lemos, etc., etc.? Sendo testemunhas, etc.

Ambrósio - Dá-me esse papel!

Carlos - Devagar...

Ambrósio - Dá-me esse papel!

Carlos - Ah, o senhor meu tio encrespa-se. Olhe que a tia não está em casa, e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao D. Abade.

Ambrósio - Aonde está ela?

Carlos - Em lugar que aparecerá quando eu ordenar.

Ambrósio - Ainda está naquele quarto; não teve tempo de sair.

Carlos - Pois vá ver. (Ambrósio sai apressado.)

Carlos, só - Procure bem. Deixa estar, meu espertalhão, que agora/ te hei-de eu apertar a corda na garganta. Estais em meu poder; queres roubar-nos... (Gritando:) Procure / bem; talvez esteja dentro das gavetinhas do espelho. Então? Não acha?

O mesmo e o Ambrósio.

Ambrósio, entrando - Estou perdido!

Carlos - Não achou?

Ambrósio - O que será de mim?

Carlos - Talvez se escondesse em algum buraquinho de rato.

Ambrósio, caindo sentado - Estou perdido, perdido! Em um momento/ tudo se transformou. Perdido para sempre!

Carlos - Ainda não, porque eu posso salvá-lo.

Ambrósio - Tu?

Carlos - Eu, sim.

Ambrósio - Carlinho!

Carlos - Já?

Ambrósio - Carlinho!

Carlos - Ora vejam como está terno!

Ambrósio - Por tua vida, salvai-me!

Carlos - Eu salvarei, mas debaixo de certas condições...



Ambrósio - E quais são elas?

Carlos - Nem eu nem o primo Juca queremos ser frades...

Ambrósio - Não serão.

Carlos - Quero casar-me com minha prima...

Ambrósio - Casará.

Carlos - Quero a minha herança...

Ambrósio - Terás a tua herança.

Carlos - Muito bem.

Ambrósio - E tu me prometes que nada dirás à tua tia do que sabes?

Carlos - Quanto a isso pode estar certo. (À parte:) Veremos...

Ambrósio - Agora dize-me, onde ela está?

Carlos - Não posso, o segredo não é meu.

Ambrósio - Mas dá-me a tua palavra de honra que ela saiu desta casa?

Carlos - Já saiu, palavra de mulher honrada.

Ambrósio - E que nunca mais voltará?

Carlos - Nunca mais. (À parte:) Isto é, se quiserem ficar com ela/
lá no convento, em meu lugar.

Ambrósio - Agora dá-me esse papel.

Carlos - Espere lá; o negócio não vai assim. Primeiro não-de cum -
prir-se as condições.

Ambrósio - Carlinho, dá-me esse papel!

Carlos - Não pode ser.

Ambrósio - Dá-mo, por quem és!

Carlos - Peior é a seca.

Ambrósio - Eis-me a teus pés. (Ajoelha-se; nesse mesmo tempo apare
ce à porta Florência e Emília, as quais caminham para /
ele pé ante pé.)

Carlos - Isso é teima; levante-se!

Ambrósio - Não me levantarei enquanto mo não deres. Para que o que
res tu? Farei tudo quanto quiseres, nada me custará para
servir-te. Minha mulher fará tudo quanto ordenares; dig
põe dela.

Florência, para Ambrósio - Que patifaria é essa? Em minha casa e /
às minhas barbas, aos pés de uma mulher!
Muito bem!

Ambrósio - Florência!

Florência - Um dardo que te parta! (Voltando-se para Carlos:) E
quem é a senhora?

Carlos, com a cara baixa - Sou uma desgraçada!

Florência - Ah, é uma desgraçada... Seduzindo um homem casado! Não
sabe que... (Carlos que encara com ela, que rapidamente
tem suspenso a palavra e, como assombrada, principia/
a olhar para ele, que ri-se.)



Florência - Carlos! Meu sobrinho!

Emília - O primo!

Carlos - Sim, tiazinha; sim, priminha.

Florência - Que mascarada é essa?

Carlos - É uma comédia que ensaiávamos para sábado de folguia.

Florência - Uma comédia?

Ambrósio - Sim, era uma comédia, um divertimento, uma surpresa. Eu e o sobrinho arranjávamos isso... Bagatela, não é assim, Carlí - nhos? Mas então vocês não ouviram o ofício até o fim? Quem pregou?

Florência, à parte - Isto não é natural... Aqui há cousa.

Ambrósio - A nossa comédia era mesmo sobre isso.

Florência - O que está o senhor a dizer?

Carlos, à parte - Perdeu a cabeça. (para Florência:) Tia, basta que saiba que era uma comédia. E antes de principiar o ensaio o tio deu-me a sua palavra que eu não/ seria frade. Não é verdade, tio?

Ambrósio - É verdade. O rapaz não tem inclinação, e para que obri- gá-lo? Seria crueldade.

Florência - Ah!

Carlos - E que a prima não seria também freira, e que se casaria/ comigo.

Florência - É verdade, Sr. Ambrósio?

Ambrósio - Sim, para que constranger estas duas almas? Nasceram/ um para o outro; amam-se. É tão bonito ver um tão lin- do par!

Florência - Mas, Sr. Ambrósio, e o mundo, que o senhor dizia que era um pélago, um sorvedouro e não sei o que mais?

Ambrósio - Oh, então eu não sabia que estes dous pombinhos se / amavam, mas agora que o sei, seria horrível barbaridade. Quando se fecham as portas de um convento sobre um homem, ou sobre uma mulher que leva dentro do peito uma paixão como ressentem estes dous inocentes, torna-se o convento abismo incomensurável de a- cerbos males, fonte perene de horríssimas desgraças, perdição / do corpo e da alma; e o mundo, se nêle ficassem, jardim ameno, suave encanto da vida, tranqüilidade paz da inocência, parai- so terrestre. E assim sendo, mulher, quererias tu que sacrificasse tua filha e teu sobrinho?

Florência - Oh, não, não.

Carlos, à parte - Que grande patife!

Ambrósio - Tua filha, que fez parte de ti?

Florência - Não falemos mais nisso. O que fizeste está muito bem feito.



Carlos - E em reconhecimento de tanta bondade, faço cessar a doação de dos meus bens em favor do senhor meu tio e aqui lhe dou a escritura. (Dá-lhe a certidão de Rosa).

Ambrósio, saltando para tomar a certidão - Caro sobrinho (Abraça-o) É eu, para mostrar o meu desin-erêsse, rasgo esta escritura. (Rasga, e à / parte:) Respiro!

Florência - Homem generoso! (Abraça-o).

Ambrósio, abraçando-a e à parte - Mulher toléirona!

Carlos, abraçando Emília - Isto vai de roda...

Emília - Primo!

Carlos - Primiinha, seremos felizes!

Florência - Abençoada seja a hora em que eu te escolhi para meu esposo! Meus caros filhos, aprendi comigo a guiar-vos com / prudência na vida. Dous anos estive viúva e não me faltaram pretendentes. Viúva rica... Ah, são vinte cães a um/ osso. Mas eu tive juízo e critério; soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero. Meu coração falou por este Homem honrado e probo.

Carlos - Acertadíssima escolha!

Florência - Chega-te para cá, Ambrósio, não te envergonhes, mereces/ os elogios que te faço.

Ambrósio, à parte - Estou em brasas...

Carlos - Não se envergonhe, tio. Os elogios são merecidos. (A parte) Está em talas...

Florência - Ouves o que diz o sobrinho? Tens modéstia? É mais uma / qualidade. Como sou feliz!

Ambrósio - Acabemos com isso. Os elogios assim à qu ima-roupa pertu- bam-me.

Florência - Se os mereças...

Ambrósio - Embora.

Carlos - Oh, o tio os mereça, pois não. Olhe, tia, aposto eu que o tio Ambrósio em tãda a sua vida só tem amado a tia...

Ambrósio - Decerto! (Aparte:) Quer faser-me alguma.

Florência - Ai, vida da minha alma!

Ambrósio, à parte - O patife é muito capaz...

Carlos - Mas nós os homens, somos tão falsos - assim dizem as mulhe- res -, que não admira que o tio...

Ambrósio, interrompendo-o - Carlos, tratemos da promessa que te fiz.

Carlos - É verdade; tratamos da promessa. (À parte:) Tem Nêdo, que / se pela!



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Ambrósio - Irei hoje mesmo ao convento falar ao D. Abade e Di... /
-ei que temos mudado de resolução a teu respeito... /
hoje a quinze dias, senhora, espero ver esta sala brilhante
tamente iluminada e cheia de alegres convidados para cele-
brarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha ca-
ra enteada. (Aqui entra pelo fundo o mestre dos noviços,
seguido dos meirinhos e permanentes, encaminhando-se pa-
ra a frente do teatro.)

Carlos - Enquanto assim praticardes, tereis em mim um amigo.

Emília - Senhor, ainda que não possa explicar a razão de tão súbita
mudança, aceito a felicidade que me propondes, sem raciocí-
nar. Darei a minha mão a Carlos, não só para obedecer a mi-
nha mãe, como porque muito o amo.

Carlos - Cara priminha, quem será capaz agora de arrancar-me de teus
braços?

Mestre, batendo-lhe no ombro - Estais prêso. (Espanto dos que estão
em cena.)

Carlos - O que é lá isso? (Debatendo-se logo que o agarram.)

Mestre - Levai-o.

Carlos - Deixem-me!

Florência - Reverendíssimo, meu sobrinho...

Mestre - paciência, senhora. Levem-no.

Carlos, debatendo-se - Larguem-me, com todos os diabos!

Emília - Primo!

Mestre - Arrastem-no.

Ambrósio - Mas, senhor...

Mestre - Um instante... Para o convento, para o convento.

Carlos - Minha tia, tio Ambrósio! (Sai arrastado. Emília cai sentada
em uma cadeira; o padre-Mestre fica em cena.)

Ambrósio, Mestre de Noviços, Florência e Emília.

Florência - Mas senhor, isto é uma violência!

Mestre - Paciência...

Florência - Paciência, paciência? Creio que tenho tido bastante. Ver
assim arrastar meu sobrinho, como se fôsse um criminoso?

Ambrósio - Espera, Florência, ouçamos o Reverendíssimo.

Mestre - Vê ouvindo como êsse moço sombou de seu mestre. Disse-me a
tal senhora, pois tal a supunha eu... Ora, fácil foi enganar
-me... Além de ter má vista, tenho muito pouca prática de
senhoras...

Ambrósio - Sabemos disso.

Mestre - Disse-me a tal senhora que o noviço Carlos estava naquele quarto.

Ambrósio - Naquele quarto?

Mestre - Sim senhor, e ali mandou-nos esperar em silêncio. Chegou pelo noviço, e assim que ele saiu lançamo-nos sobre ele e à força o arrastamos para o convento.

Ambrósio, assustado - Mas a quem, senhor, a quem?

Mestre - A quem?

Florência - Que trapalhada é essa?

Ambrósio - Depressa!

Mestre - Cheguei ao convento, apresentei-me diante do D. Abade, com o noviço prisioneiro, e então... Ah!

Ambrósio - Por Deus, mais depressa!

Mestre - Ainda me coro de vergonha. Então conheci que tinha sido vilmente enganado.

Ambrósio - Mas quem era o noviço preso?

Mestre - Uma mulher vestida de frade.

Florência - Uma mulher?

Ambrósio, à parte - É ela!

Mestre - Que vergonha, que escândalo!

Ambrósio - Mas onde está essa mulher? Para onde foi? O que disse? Onde está? Responda!

Mestre - Tende paciência. Pintar-vos a confusão em que por alguns instantes esteve o convento, é quase impossível. O D. Abade, ao conhecer que o noviço preso era uma mulher, deu um grito de horror. Grande foi então a confusão. Um gritava: Sacrilégio! Profanação! Outro ria-se; este interrogava; a quele respondia ao acaso... Em menos de dois segundos a notícia percorreu todo o convento, mas alterada e aumentada. No refeitório dizia-se que o diabo estava no coro, dentro dos canudos do órgão; na cozinha julgava-se que o fogo lavrava nos quatro ângulos do edifício; qual, pensava que D. Abade tinha caído da torre abaixo; qual fora arrebatado para o céu. Esse ruído infernal, causado por uma única mulher. Oh, mulheres!

Ambrósio - Vossa Reverendíssima fas o seu dever; estou disso bem certo.

Florência - Mas julgamos necessário declarar a Vossa Reverendíssima que estamos resolvidos a tirar nosso sobrinho do convento.

Mestre - Nada tenho eu com essa resolução. Vossa Senhoria entenda-se a esse respeito com o D. Abade.

Florência - O rapaz não tem inclinação nenhuma para frade.

Ambrósio - E seria uma crueldade violentar-lhe o gênio.

Mestre - O dia em que o Sr. Carlos sair do convento será para mim dia de descanso. Há doze anos que sou mestre de noviços.....



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fones: 226.9242 - CEP 90020-025

.....e ainda não tive para doutrinar rapas mais endiabrado.

Florência - Foi sempre assim, desde pequeno.

Mestre - E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requeria tranqüilidade de gênio?

Florência - Oh, não foi por meu gosto; meu marido é que persuadiu-me.

Ambrósio, com hipocrisia - Julguei assim fazer um serviço agradável a Deus.

Mestre - Deus, senhores, não se compaz com sacrifícios alheios. Sirva-o cada um com seu corpo e alma, porque cada um responderá pelas suas obras.

Ambrósio, com hipocrisia - Pequei, Reverendíssimo, pequei; humilde peço perdão.

Mestre - Esse moço foi violentamente constrangido e o resultado é a confusão em que setá a casa de Deus.

Florência - Mil perdões, Reverendíssimo, pelo incomodo que lhe temos dado.

Mestre - Incomodos? Para eles nascemos nós... passam despercebidos, e demais, ficam de muros para dentro. Mas hoje houve escândalo, e escândalo público.

Ambrósio - Escândalo público?

Florência - Como assim?

Mestre - O noviço Carlos, depois de uma contenda com o D. Abade, / deu-lhe uma cabeçada e o lançou por terra.

Florência - Jesus, Maria, José!

Ambrósio - Mas essa mulher, essa mulher? O que é feito dela?

Mestre - Uma hora depois, que tanto foi preciso para acalmar a agitação, o D. Abade perguntou-lhe como ela ali se achava / vestida com o hábito da Ordem.

Ambrósio - E ela que disse?

Mestre - Que tinha sido traída por um frade, que debaixo do pretexto de a salvar, trocara o seu vestido pelo hábito que trazia.

Ambrósio - E nada mais?

Mestre - Nada mais; e fui encarregado de prender de novo a todo o custo o noviço Carlos. E tenho cumprido a minha missão.

Ambrósio - Espere, Reverendíssimo, essa mulher já saiu do convento?

Mestre - No convento não se demoram mulheres.

Ambrósio - Que caminho tomou? Para onde foi? O que disse ao sair?

Mestre - Nada sei.

Ambrósio, à parte - O que me espera?

Florência, à parte - Aqui há segredo...

Mestre - Às vossas determinações...

Florência - Uma serva de Vossa Reverendíssima.

Mestre, para Florência - Quanto à saída de seu sobrinho do convento, com o D. Abade se entenderá.

Florência - Nós o procuraremos. (Mestre sai e Florência acompanha-o até à porta; Ambrósio está como abismado.)



Emília, Ambrósio e Florência.

Emília, à parte - Carlos, Carlos, o que será de ti e de mim?

Florência - Agora nós. (Para Emília:) Menina, vai para dentro. (Vai-se Emília.)

Ambrósio e Florência.

Ambrósio, à parte - Temos trovoadas grossas...

Florência - Quem era a mulher que estava naquele quarto?

Ambrósio - Não sei.

Florência - Sr. Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

Ambrósio - Florência, já te disse, não sei. São cousas de Carlos.

Florência - Sr. Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

Ambrósio - Como queres que te diga, Florencinha?

Florência - Ah, não sabe? Pois bem, então explique-me: por que razão mostrou-se tão espantado, quando Carlos o levou à porta daquele quarto e mostrou-lhe quem estava dentro?

Ambrósio - Pois eu espantei-me?

Florência - A ponto de levar-me quase de rastos para a igreja, sem chapéu, lá deixar-me e voltar para casa apressado.

Ambrósio - Quali! Foi por...

Florência - Não estude uma mentira, diga depressa.

Ambrósio - Pois bem, direi. Eu conheço essa mulher.

Florência - Ah! E então quem é ela?

Ambrósio - Queres saber quem é ela? É muito justo, mas aí é que está o segredo.

Florência - Segredos comigo?

Ambrósio - Oh, contigo não pode haver segredo, és a minha mulherzinha. (Quer abraçá-la.)

Florência - Tenha-se lá; quem era a mulher?

Ambrósio, à parte - Não sei o que lhe digo...

Florência - Vamos!

Ambrósio - Essa mulher... Sim, essa mulher que há pouco estava naquele quarto, foi amada por mim.

Florência - Por ti?

Ambrósio - Mas nota que digo: foi amada; o que foi, já não é.

Florência - Seu nome?

Ambrósio - Seu nome? Que importa o nome? O nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas... Nada vale; o indivíduo é tudo... Tratemos do indivíduo. (À parte:) Não sei como continuar.

Florência - Então, e que mais?

Ambrósio - Amei a essa mulher. Amei, sim, amei. Essa mulher foi por mim amada, mas então ainda não te conhecia. Oh, e quem ou será criminar a um homem por embelezar-se de uma estrela/antes de ver a lua, quem? Ela era a estrela e tu és a lua. Sim, minha Florencinha, tu és a minha lua cheia e eu sou teu satélite.

Florência - Oh, não me convence assim...

Ambrósio - (Alto:) Florencinha, encanto da minha vida, estou diante/ de ti como diante do confessor, com uma mão sobre o coração e com a outra... Onde queres que ponha a outra?

Florência - Ponha lá onde quiser....

Ambrósio - Pois bem, com ambas sobre o coração, dir-te-ei: só tu és o meu único amor, minhas delícias, minha vida... (À parte) e minha burra!

Florência - Se eu pudesse acreditar!...

Ambrósio - Não podes porque não queres. Basta um bocado de boa vontade. Se fiquei aterrorizado ao ver essa mulher, foi por prever os desgostos que terias, se aí a visses.

Florência - Se teme que eu a veja, é porque ainda a ama.

Ambrósio - Amá-la, eu? Ah, desejava que ela tivesse mais longe de mim do que o cometa que apareceu o ano passado.

Florência - Oh, meu Deus, se eu pudesse crer!

Ambrósio, à parte - Está meia convencida...

Florência - Se eu pudesse crer! (Rosa entra pelo fundo, pára e observa.)

Ambrósio, com animação - Estes raios brilhantes e aveludados de teus olhos ofuscam o seu olhar acanhado e esgatedo. Estes negros e finos cabelos varrem da minha idéia as suas emaranhadas melenas cor de fogo. Esta mãozinha torneada (pega-lhe / na mão), este colo gentil, esta cintura flexível e delicada fazem-me esquecer os grosseiros encantos dessa mulher que... (Nesse momento dá com os olhos em Rosa; vai recuando pouco a pouco.)

Florência - O que tens? De que te espantas?

Rosa, adiantando-se - Senhora, este homem pertence-me.

Florência - E quem é Vossa Reverendíssima?

Rosa - Sua primeira mulher.

Florência - Sua primeira mulher?

Rosa, dando-lhe a certidão - Leia. (Para Ambrósio:) Conheceis-me, senhor? Há seis anos que não nos vemos, e quem diria que assim nos encontraríamos? Oh, pára que não enviaste um assassino/ para esgotar o sangue destas veias e arrancar a alma deste corpo? Assim devíeis ter feito, porque então eu não esta...



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 224.62.42 - CEP 91020-012

..... -ria aqui para vingar-me, traidor!
Ambrósio, à parte - O melhor é me mandar. (Corre para o fundo. Prevenção.)
Rosa - Não o deixem fugir! (Aparece à porta um soldado, o qual prende Ambrósio.)
Soldado - Está preso!
Ambrósio - Ai! (Corre por toda a casa, etc. Enquanto isso se passa, Florência tem lido a certidão.)
Florência - Desgraçada de mim, estou traída! Quem me socorre? (Vai para sair, encontra-se com Rosa.) Ah, para longe, para longe de mim! (Recuando.)
Rosa - Senhora, a quem pertencerá ele? (Execução.)



ATO TERCEIRO

Quarto em casa Florência: mesa, cadeiras, etc., etc., armário, uma cama grande com cortinados, uma mesa pequena com um castiçal com vela acesa. É noite.

Florência deitada, Emília sentada junto dela, Juca vestido de calça, brincando com um carrinho pela sala.
Florência - Minha cabeça!...
Emília - Anda, vai para dentro. (Juca sai com o carrinho.)
Florência - Parece que me estala a cabeça... São umas marteladas aqui nas fontes. Ai, que não posso! Morro desta!...
Emília - Minha mãe, não diga isso, seu incomodo passará.
Florência - Passará? Morro, morro... (Chorando:) Hi... (Etc.)
Emília - Minha mãe!
Florência, chorando - Ser assim traída, enganada! Meu Deus, quem pode resistir? Hi, hi!
Florência - Um homem em quem havia posto toda a minha confiança, que eu tanto amava... Emília, eu o amava muito!
Florência - Enganar-me deste modo! Tão indignamente, casado com outra mulher. Ah, não sei como não arrebento...
Emília - Tranquelize-se, minha mãe.
Florência - Que eu suponha desinteressado... Entregar-lhe todos os meus bens, assim iludir-me... Que malvado, que malvado!
Emília - São horas de tomar o remédio. (Toma uma garrafa de remédio, deita-o em uma xícara e dá para Florência.)
Florência - Como os homens são falsos! Uma mulher não era capaz de cometer ação tão indigna. O que é isso?
Emília - O cosimento que o doutor receitou.
Florência - Dá cá (Bebe.) Ora, de que servem esses remédios? Não fico boa; a ferida é no coração...
Emília - Há-de curar-se.

Florência - Olha, filha, quando eu vi diante de mim essa mulher, senti uma revolução que te não sei explicar... um atordoamento, uma zozada, que há oito dias me tem pressada / cama.

Emília - Eu estava no meu quarto, quando ouvi gritos na sala. Saí depressada e no corredor encontrei-me com meu padra^{sto}.

Florência - Teu padra^{sto}?

Emília - ... que passando como uma flecha por diante de mim, dirigiu-se para o quintal, e saltando o muro, desapareceu. Corri / para a sala...

Florência - E aí encontraste-me banhada em lágrimas. Ela já tinha / saído, depois de ameaçar-me. Ah, mas hei-de ficar boa p / vingá-la!

Emília - Sim, é preciso ficar boa para vingá-la.

Florência - Hei-de ficar. Não vale a pena morrer por um traste daquele!

Emília - Que dúvida!

Florência - O meu procurador disse-me que o tratante está escondido, mas que já há mandado de prisão contra ele. Deixa estar, que ele me paga.

Emília - Oh, minha mãe, tenha pena do primo... O que não terá ele sofrido, coitado!

Florência - Já esta manhã mandei falar ao D. Abade por pessoa de consideração, e além disso, tenho uma carta que lhe quero / remeter, pedindo-lhe que me faça o obséquo de aqui mandar um frade respeitável para de viva voz tratar comigo / este negócio.

Emília - Sim, minha boa mãezinha.

Florência - Chama o José.

Emília, chamando - José? José?

As mesmas e José.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

José - Minha senhora...

Florência - José, leva esta carta ao convento. Onde está o Sr. Carlos, sabes?

José - Sei, minha senhora.

Florência - Procura pelo Sr. D. Abade, e lha entrega de minha parte.

José - Sim, minha senhora.

Emília - Depressa! (Sai José.)

Florência - Emília, amanhã lembra-me para pagar os salários que devemos ao José e despedi-lo do nosso serviço. Foi metido / aqui em casa pelo tratante, e só por esse fato já desconfio dele... Lê com lê, cré com cré...; pode ser algum espião que tenhamos em casa...

Emília - Ele parece-me bom moço.

Florência - Também o outro parecia-me bom homem. Já não me fio em ap...

... rências.

Emília - Tudo pode ser.

Florência, só - Depois que mudei a cama para este quarto que foi do sobrinho Carlos, passo melhor... No meu, os objetos faziam-me recordar aquele pérfido. Paço / agora anda escondido... Ai, estou cansada. P. (Bata-se.) Mas não escapará da cadeia... seis anos de cadeia... assim me disse o procurador. Ai, minha cabeça! Se eu pudesse dormir um pouco. Ai, ai, as mulheres neste mundo... estão sujeitas... a... muito... ah! (Dorme.)

Carlos entra pelo fundo, a pressado; traz o hábito roto e sujo.

Carlos - Não há grades que me prendam, nem muros que me retenham. / Arrombei grades, saltei muros e eis-me aqui de novo. Ah, que cama é esta? É da tia... Estará... Ah, é ela... e dorme. Mudou de quarto? O que se terá passado? Estive preso, inco municável, e nada sei. O que será feito da primeira mulher do meu tio, desse grande patife? Onde estará a prima? Como dorme! Ronca que é um regalo! (Batem palmas.) Batem! Serão eles, não tem dúvida.

Mestre, dentro - Deus esteja nesta casa.

Carlos - É o padre-mestre! Já deram pela minha fuga...

Mestre, dentro - Dá licença?

Carlos - Não sou eu decerto que ta hei-de dar. Escondamo-nos, mas de modo que ouça o que ele diz... Debaixo da cama... (Esconde-se.)

Mestre, dentro, batendo com força - Dá licença?

Florência, acordando - Quem é? Quem é?

Mestre, dentro - Um servo de Deus.

Florência - Emília? Emília? (Toca a campainha.)

Entra Emília com o Padre-Mestre.

Emília - Minha mãe, é o Sr. Padre-Mestre. (À parte:) Ave de agouro!

Florência - Ah!

Mestre - Esteja a seu gosto. Já por lá sabe-se dos seus incomedos.

Toda a cidade o sabe. Tribulações deste mundo...

Florência - Emília, oferece uma cadeira ao Reverendíssimo.

Mestre - Aqui venho pelo mesmo motivo que já vim duas vezes.

Florência - Como assim?

Mestre - Em procura do noviço Carlos. Ah, que rapaz!

Florência - Pois tornou a fugir?

Mestre - Se tornou! É indomável!

Mestre - Estava no cárcere a pão e água, mas o endemoninhado arrombou as grades, saltou na horta, vingou o muro da direita para a rua e pôs-se a pular.

Florência - Que doudo! E para onde foi?

Mestre - Não sabemos, mas julgamos que para aqui se dirigiu.

Florência - Posso afiançar a Vossa Reverendíssima que por cá ainda não apareceu. (Carlos bota a cabeça de fora e puxa pelo vestido de Emília.)

Emília, assustando-se - Ai!

Florência - O que é menina?

Mestre, levantando-se - O que foi?

Emília, vendo Carlos - Não foi nada, não senhora... Um jeito que dei no pé.

Florência - Tem cuidado. Assente-se, Reverendíssimo. Mas como lhe disse, o meu sobrinho cá não apareceu; desde o dia que o Padre-Mestre o levou preso ainda não o vi. Sou capaz de faltar à verdade.

Mestre - Oh, nem tal suponho. E demais, Vossa Senhoria, como boa parenta que é, deve contribuir para a sua correção. Esse moço tem revolucionado todo o convento, e é preciso um castigo/exemplar.

Florência - Tem muita razão; mas eu já mandei falar ao Sr. D. Abade para que meu sobrinho saísse do convento.

Mestre - E o D. Abade está a isso resolvido. Nós todos nos temos empenhado. O Sr. Carlos faz-nos loucos... Sairá do convento; porém antes será castigado.

Carlos - Veremos...

Florência, para Emília - O que é?

Emília - Nada, não senhora.

Mestre - Não por ele, que estou certo que não se emendará, mas para exemplo dos que lá ficam. Do contrário, todo o convento abalava.

Florência - Como estão resolvidos a despedir meu sobrinho do convento, e o castigo que lhe querem impor é tão somente exemplar, e ele precisa um pouco, dou minha palavra a Vossa Reverendíssima que assim que ele aqui aparecer, mandarei agarrá-lo e levar para o convento.

Mestre - Mil graças, minha senhora.

Emília, voltando - Vá encomendar defuntos!

Emília, Florência e Carlos debaixo da cama.

Florência - Então, que te parece teu primo Carlos? É a terceira fugida que faz. Isto assim não é bonito.

Emília - E para que o prendem?

Florência - Prendem-no porque ele foge.

Emília - E ele foge porque o prendem.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Florência - Belo argumento! É mesmo dessa cabeça. (Carlos vestido de Emília.) Mas o que tens tu?

Emília - Nada não senhora.

Florência - Se ele aqui aparecer hoje, há-de ter paciência, irá para o convento, ainda que seja amarrado. É preciso que brar-lhe o gênio. Estais a fazer-te?

Emília - Não senhora.

Florência - Queira Deus que ele se emende... Mas que tens tu, Emília, tão inquieta?

Emília - São cócegas nas solas dos pés.

Florência - Ah, isso são câibras. Bate o pé, assim estais melhor.

Emília - Vai passando.

Florência - O sobrinho é estouvado, mas nunca te dará os desgostos/ que me deu o Ambrósio... - nem quero pronunciar o nome. E tu não te aquietas? Bate com o pé.

Emília, afastando-se da cama - Não posso estar quieta no mesmo lugar. (À parte:) Que louco!

Florência - Estou arrependida de ter escrito. (Entra José.) Quem vem aí?

Os mesmos e José.

Emília - É o José.

Florência - Entregaste a carta?

José - Sim, minha senhora, e o Sr. D. Abade mandou comigo um reverendíssimo, que ficou na sala à espera.

Florência - Fê-lo entrar. (Sai o criado.) Emília, vai para dentro. Já que um reverendíssimo teve o incomodo de cá vir, quero aproveitar a ocasião e confessar-me. Posso morrer...

Emília - Ah!

Florência - Anda, vai para dentro e não te assustes. (Sai Emília.)

Florência, só - A ingratidão daquele monstro assassinou-me. Bom é ficar tranquila com a minha consciência.

Ambrósio com hábito de frade, entra seguindo José.

Criado - Aqui está a senhora.

Ambrósio, à parte - Retira-te e fecha a porta. (Dá-lhe dinheiro.)

Criado, à parte - Eles agora que se entendam.

Florência - Vossa Reverendíssima pode aproximar-se. Queira assentar-se. (Senta-se.)

Ambrósio, fingindo que tossa - Hum, hum, hum... (Carlos espreita
debaixo da cama.)

Florência - Escrevi para que viesse uma pessoa falar com
Reverendíssima quis ter a bondade de vir.

Ambrósio - Hum, hum, hum...

Carlos, à parte - O diabo do frade está esganado.

Florência - E era para tratarmos do meu sobrinho Carlos, mas já
não é preciso. Aqui esteve o padre-mestre; sobre is-
so falamos; está tudo justo, e sem dúvida Vossa Re-
verendíssima já está informado.

Ambrósio, o mesmo - Hum, hum, hum...

Florência - Vossa Reverendíssima está constipado; talvez o frio/
da noite...

Ambrósio, disfarçando a voz - Sim, sim...

Florência - Muito bem.

Carlos, à parte - Não conheci esta voz no convento...

Florência - Mas para que Vossa Reverendíssima não perdesse de to-
do o seu tempo, se quisesse ter a bondade de ouvir-
-me em confissão...

Ambrósio - Ah! (Vai fechar as portas.)

Florência - Que faz, senhor? Feicha a porta? Ninguém nos ouve.

Carlos, à parte - O frade tem más intenções.

Ambrósio, disfarçando a voz - Por cautela.

Florência - Assente-se. (À parte:) Não gosto muito disto... (Al-
to:) Reverendíssimo, antes de principiarmos a confis-
são, julgo necessário informar-lhe que eu fui casa-
da duas vezes; a primeira, com um santo homem, e a
segunda, com um demônio.

Ambrósio - Hum, hum, hum...

Florência - Um homem sem honra e sem fé em Deus, um malvado. Ca-
sou-se comigo quando ainda tinha mulher viva! Não é
verdade, Reverendíssimo, que esse homem vai direiti-
nho para o inferno?

Ambrósio - Hum, hum, hum...

Florência - Oh, mas enquanto nã vai para o inferno, há-de pagar/
nesta vida. Há uma ordem da prisão contra ele e
malvado não cusa aparecer.

Ambrósio, levantando-se e tirando o capuz - E quem vos disse que
ele não cusa aparecer?

Florência, fugindo da cama - Ah!

Carlos, à parte - O senhor meu tio!

Ambrósio - Podéis gritar, as portas estão feichadas. Preciso de
dinheiro e muito dinheiro para fugir desta cidade, e
dar-mo-eis, senão...

Florência - Deixai-me! Eu chamo por socorro!



Ambrósio - Que se importa? Sou criminoso; serei punido. Pois bem, cometerei outro crime, que me pode salvar. Tudo quanto possuir: dinheiro, jóias, tudo obadeceia! A morte!...



Flôrência corre por toda a casa, gritando - Socorro, socorro! Lá drão, ladrão! Socorro!
(Escreve.)

Ambrósio, seguindo-a - Silêncio, silêncio, mulher!

Carlos - O caso está sério! (Vai saindo debaixo da cama no momento que Flôrência atira com a mesa no chão. Ouve-se gritos fora: Abra! Abra! Flôrência, achando-se só e no escuro, senta-se no chão, encolhe-se e cobre-se com uma colcha.)

Ambrósio, procurando - Para onde foi? Nada vejo. Batem nas portas! O que fareis?

Carlos, à parte - A tia calou-se e ela aqui está.

Ambrósio encontra-se com Carlos e agarra-lhe no hábito - Ah, mulher, estais em meu poder. Estas portas não tardarão a ceder; salvaí-se, ou mataí-te!

Carlos, dando-lhe uma bofetada - Toma lá, senhor meu tio!

Ambrósio - Ah! (Cai no chão.)

Carlos, à parte - Outra vez para a concha. (Mete-se debaixo da cama.)

Ambrósio, levantando-se - Que não! Continuam a bater. Onde escondar-me? Que escuro! Deste lado vi um armário... Mi-leí! (Mete-se dentro.)

Entram pelo fundo Jorge e um soldado armados, Jorge trazendo uma vela acesa. Claro.

Jorge, entrando - Vizinha, vizinha, o que é? O que foi? Não vejo ninguém... (Dá com Flôrência no canto.) Quem está aqui?

Flôrência - Ai, ai!

Jorge - Vizinha, somos nós...

Emília, dentro - Minha mãe, minha mãe! (Entra.)

Flôrência - Ah, é o vizinho Jorge! (Levantando-se ajudada por Jorge.)

Emília - Minha mãe, o que foi?

Flôrência - Filha!

Jorge - Estava na porta de minha loja, quando ouvi gritar: Socorro, socorro! Conheci a voz da vizinha e acudi.

Flôrência - Muito obrigado, vizinho; ela já se foi.

Jorge - Ele quem?

Flôrência - O ladrão.

Todos - O ladrão!

Flôrência - Sim, um ladrão vestido de frade, que me queria roubar e assassinar.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Florência - Espere, vizinho, deixe-me sair primeiro. Se o cachorro
traxer, dêem-lhe uma boa apressada e leve-o pra fora.

(À parte) Edê-de me pagar! Vamos, menina.

Emília, para Florência - É Carlos, minha mãe, é o primo?

Florência, para Emília - Qual o primo? É ele, teu padrastrô.

Emília - É o primo?

Florência - É ele, é ele. Vem Procura-o, bem, vizinho, e pau nele.
Anda, anda. (Sai com Emília.)

Jorge - O ladrão ainda não saiu daqui. Assim que ele aparecer,
uma boa massada de pau, e depois pés e mãos amarradas, e
guarda do Tesouro com ele... Aqui não está; vejamos atrás
do armário. (Vê.) Nada. Onde se esconderia? Talvez debaixo
do cama. (Levantando o rodapé.) Oh, está ele! (Dá
bordoadas.)

Carlos, gritando - Ai, ai, não sou eu, não sou ladrão, ai, ai!

Jorge, dando - Salta para fora, ladrão, salta! (Carlos sai para
fora, gritando.) Não sou ladrão, sou de casa!

- Perseguição - Carlos foge.

Jorge só; depois Florência.

Jorge - Eu já não posso mais. O diabo esfolou-me a canela com o
armário. (Batendo na porta:) Ó vizinha, vizinha?

Florência, entrando - Então, vizinho?

Jorge - Estava escondido debaixo da cama.

Emília - Não lhe disse?

Jorge - Levou uma boa massada de pau e fugiu por aquela porta.

Florência - Obrigada. Deus lhe pague, Deus lhe pague.

Jorge - Boa noite, vizinha.

Florência - Sim senhor. Boa noite. (Sai Jorge.)

Júlia, entrando - Mãe, aquela mulher do papá quer-lhe falar.

Florência - O que quer essa mulher comigo, o que quer? (Resoluta.)
Diga que entre. (Sai Júlia.)

Entra Rosa. Já vem de vestido.

Rosa - Dê licença?

Florência - Pode entrar. Queira ter a bondade de sentar-se. (Sai
ta-se.)

Rosa - Minha senhora, a nossa posição é bem extraordinária...

Florência - É desagradável no último ponto.

Rosa - Ambas casadas com o mesmo homem...

Florência - E ambas com igual direito.

Rosa - Perdoe-me, minha senhora, nesses direitos não são iguais,
sendo eu a primeira mulher...

Florência - Oh, não fale desse direito, não o conteste. Direito
de persegui-lo quero eu dizer.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Rosa - Nisso estou de acordo.

Florência - Fui vilmente atraída...

Rosa - E eu indignamente insultada...

Florência - Atormentei meus filhos...

Rosa - Contribuí para a morte de minha mãe...

Florência - Estragou grande parte de minha fortuna...

Rosa - Roubou-me todos os meus bens...

Florência - Oh, mas hei-de vingar-me!

Rosa, levantando-se - Havemos de vingarmo-nos, senhora, e para isso aqui me acho.

Florência, levantando-se - Explique-se.

Rosa - Ambas fomos traídas pelo mesmo homem, ambas servimos de degrau/ à sua ambição. E porventura somos disse culpadas?

Florência - Não.

Rosa - Quando lhe dei eu a minha mão, poderia prever que ele seria um traidor? E vós, senhora, quando lhe désteis a vossa, que vos uníeis a um infame?

Florência - Oh, não!

Rosa - E nós, suas desgraçadas vítimas, nos odiaremos mutuamente, em vez de ligarmo-nos, para em comum acordo perseguirmos o traidor?

Florência - Senhora, nem eu, nem vós temos culpa do que se tem passado. Quisera viver longe de vós; vossa presença aviva meus desgostos, porém farei um esforço - aceito o vosso oferecimento - unamo-nos e mostraremos ao monstro o que podem duas / fracas mulheres quando se querem vingar.

Rosa - Eu contava convosco.

Florência - Agradeço a vossa confiança.

Rosa - Sou provinciana, não possui talvez a polidez da cidade, mas tenho paixões violentas e resoluções prontas. Aqui trago uma ordem de prisão contra o pérfido, mas ele se esconde. Os oficiais de justiça andam em sua procura.

Florência - Aqui esteve há pouco.

Rosa - Quem?

Florência - O traidor.

Rosa - Aqui? Em vossa casa? E não vos assegurásteis dele?

Florência - E como?

Rosa - Ah, se eu aqui estivesse...

Florência - Fugiu, mas levou uma maçada de pau.

Rosa - E onde estará ele agora, aonde?

Ambrósio arrebenta uma tábuca do armário, põe a cabeça de fora - Ai, que abafa!

Florência e Rosa, assustadas - É ele!

Ambrósio, com a cabeça de fora - Oh, diabo, cá estão elas!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Florência - É ele! Como te achas aí?

Rosa - Estava espreitando-nos!

Ambrósio - Qual espreitando! Tenham a bondade de tirar-me daqui.

Florência - Para quê?...

Ambrósio - Quero sair... Já não posso... Abafo, morro!

Rosa - Ah, não podes sair? Melhor.

Ambrósio - Melhor?

Rosa - Sim, melhor, porque estás em nosso poder.

Florência - Sabes que estávamos ajustando o meio de nos vingar-mos ti, maroto?

Rosa - E tu mesmo te entregaste... Mas como?...

Florência - Agora já advinho. Bem dizia a Emília; foi Carlos quem levou as bordoadas. Ah, patife, mais essa tu vais pagar.

Rosa - Pagará tudo por junto.

Ambrósio - Mulheres, vejam lá o que fazem!

Florência - Não me metes medo, grandíssimo mariola!

Rosa - Sabes que papel é este? É uma ordem de prisão contra ti que vai ser executada. Foge agora!

Ambrósio - Minha Rosinha, tira-me daqui!

Florência - O que é lá?

Ambrósio - Florencinha, tem compaixão de mim!

Rosa - Ainda falas, patife?

Ambrósio - Ai, que grito! Ai, ai!

Florência - Podes gritar. Espera um bocado. (Sai.)

Rosa - A justiça de Deus te castiga.

Ambrósio - Escuta-me, Rosinha, enquanto aquele diabo está lá dentro; tu és a minha cara mulher; tira-me daqui que eu te prometo...

Rosa - Promessas tuas? Queres que eu acredite nelas? (Entra Florência trazendo um pau de vassoura.)...

Ambrósio - Mas eu juro que desta vez...

Rosa - Juras? E tu tens fé em Deus para jurares?

Ambrósio - Rosinha de minha vida, olha que...

Florência levanta o pau e dá-lhe na cabeça - Toma, maroto!

Ambrósio, escondendo a cabeça - Ai!

Rosa, rindo-se - Ah, ah, ah!

Florência - Ah, pensavas que o caso havia de ficar assim? Anda, bota a cabeça de fora!

Ambrósio principia a gritar - Ai! (Etc.)

Florência - Grita, grita, que eu já chorei muito. Mas agora hei-de arrebentar-te esta cabeça. Bota essa cara sem-vergonha de fora!



Rosa tira o travesseiro da cama - Isto serve?

Florência - Patife! Homem desalmado!

Rosa - Zombastes, agora pagarás.

Ambrósio - Ai, que norro! (Dão-lhe.)

Rosa - Toma lá!

Ambrósio - Diabos!

Rosa - Chegou nossa vez.

Florência - Verás como se vingam duas mulheres...

Rosa - Traídas...

Florência - Enganadas...

Rosa - Por um tratante...

Florência - Digno da força. Pensavas que havíamos de chorar sempre?

Ambrósio - Já não posso! (Dão-lhe.) Ai, que me matam! (Esconde-se.)

Rosa - É para teu ensino.

Florência, fazendo sinais para Rosa - Está bom, basta, deixá-lo. Vamos chamar os oficiais de justiça.

Rosa - Nada! Primeiro hei-de lhe arrebentar todo.

Florência, fazendo sinais - Não, minha amiga, por nossas mãos já nos vingamos. Agora, a Justiça.

Rosa - Pois vamos. Um instantinho, meu olho, já voltamos.

Florência - Se quiser, pode sair e passear. Podemos sair, que ele / não foge. (Colocar-se juntas do armário, silenciosas.)

Ambrósio, botando a cabeça de fora - As fúrias já se foram. Se eu pu desse fugir... (Florência e Rosa dão-lhe.)

Florência - Por que não foges?

Rosa - Pode muito bem.

Ambrósio - Demônios! (Esconde-se.)

Florência - Só assim teria vontade de rir. Ah, ah!

Rosa - Há seis anos que me não rio de tão boa vontade!

Florência - Então, maridinho?

Rosa - Vidinha, não queres ver tua mulher?

Ambrósio, dentro - Demônios. fúrias, centopeias! Diabos! Corujas!
Ai, ai! (Gritando sempre.)

Os mesmos e Emília.

Emília, entrando - O que é? Riem-se?

Florência - Vem cá, menina, ver como se deve ensinar aos homens.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Entra Carlos preso.

Jorge, entrando adiante - Visinha, o ladrão foi apanhado.

Carlos entre os soldados - Tia!

Florência - Carlos?

Emília - O primo! (Ambrósio bota a cabeça de fora e espia)

Jorge - É o ladrão.

Florência - Vizinho, este é meu sobrinho Carlos.

Jorge - Seu sobrinho? Pois foi quem levou a surra.

Carlos - Ainda cá sinto...

Florência - Coitado! Foi um engano, vizinho.

Jorge - Vou soltá-lo.

Carlos - Obrigado. Primitiva! (Indo para ela.)

Emília - Pobre primo!

Florência, para Jorge - Nós já sabemos como foi o engano, depois lhe explicarei. (Ambrósio esconde-se.)

Rosa - Senhor, aqui lhe apresento este mandado de prisão, lavrado contra um homem que se oculta aqui dentro.

Todos - Aqui dentro?!

Jorge - O mandado está em forma.

Rosa - Tenham a bondade de verificar aqui. (Os oficiais de justiça e os quatro homens levantam o armário.)

Florência - Abram.

Carlos - O senhor meu tio!

Emília - Meu padraсто!

Jorge - O Sr. Ambrósio!

Soldado - Estais preso!

Rosa - Levai-o.

Florência - Para a cadeia.

Ambrósio - Um momento. Estou preso, vou passar seis anos na cadeia... Exultai, senhoras. Eu me deveria lembrar antes de me casar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado. O que diremos de duas? Reduzem-no ao estado em que me vejo. Mas não sairei daqui sem ao menos vingar-me/ em alguém. (Para Jorge:) Senhor, aquele moço fugiu do convento depois de assassinar um frade.

Carlos - O que é lá isso? (Mestre de Noviços entra pelo fundo.)

Ambrósio - Senhores, denunciavo um criminoso.

Jorge - É verdade que tem aqui uma ordem contra um noviço?

Mestre - ... que já de nada vale. (Prevenção.)

Todos - O Padre-Mestre!



Mestre, para Carlos - Carlos, o D. Abade julgou mais prudente não voltásseis. Aqui tens a permissão por ele assinada para saíres do convento.

Carlos, abraçando-o - Meu bom Padre-Mestre, este ato reconcilia-me com os frades.

Mestre - E vós, senhoras, esperai da justiça dos homens o castigo / deste malvado. (Para Carlos e Emília :) E vós, meus filhos, sede felizes, que eu pedirei para todos (ao público:) indulgência!

Ambrósio - Oh, mulheres, mulheres! (Execução.)

- F I M -

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 838
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GP/als.-